



Educação Patrimonial e Arte Indígena

Rafael Jubainski¹

Durante o primeiro semestre de 2016, participei do curso de extensão *História, Memória e Patrimônio*, na Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR). Ao final do curso, foi proposta a realização de um trabalho que teria como foco conscientizar — ou dar início a uma conscientização de — alunos de Ensinos Fundamental ou Médio a respeito da importância de cuidar e manter o patrimônio.

Esta atividade faz-se necessária devido à falta da cultura de cuidado e cultivo dos brasileiros para com o patrimônio nacional. A maior parte da população não sabe da importância de preservar os resquícios das culturas formadoras do país, e sequer entende o que significa quando algo, não apenas um bem material, “torna-se patrimônio” e as possibilidades que isso traz. A falta de ligação das pessoas com o patrimônio, que muitas vezes está diretamente ligado a sua vida e sua cultura, torna a educação patrimonial fundamental para a manutenção da cultura e da história dos indivíduos e da população como um todo.

Optei por utilizar um exercício que já havia posto em prática com uma turma de Ensino Médio como plataforma para dar início ao projeto. O exercício, que tinha como proposta trabalhar a cultura e a arte indígena, englobando as áreas de história e de educação artística, foi posto em prática em três etapas. Na primeira, foi abordada a parte histórica, com uma aula a respeito da chegada do homem à América, a chegada dos homens na região do Paraná e as três culturas indígenas que se desenvolveram na região, sua história, cultura e o contato com o homem europeu. A segunda etapa focou mais na arte; em um primeiro momento na arte indígena e, posteriormente, na visão que os europeus tinham dos nativos brasileiros. A última etapa foi uma visita ao Museu Oscar Niemayer (MON) para visitar a exposição de arte plumária indígena que acontecia no momento.

Usando o conhecimento adquirido durante o curso *História, Memória e Patrimônio*, este projeto foi aperfeiçoado. Para isso, levei em conta uma escola que tivesse disponibilidade e estrutura para que o projeto pudesse ser executado em um nível ideal, já que seria necessário aumentar o tempo de aula para quatro aulas, além do período de visita ao Museu.

Quando o projeto original foi aplicado, o tempo cedido foi de apenas duas aulas. Para que o conteúdo fosse transmitido de melhor forma, e para que fosse acrescentado o conteúdo de patrimônio e memória, seria ideal que o tempo fosse de quatro aulas. Assim, a visita ao Museu deixa de ser apenas um passeio de entretenimento, e passa a ser uma forma de atingir o ponto principal, que é a educação patrimonial e a cultura indígena local.

A primeira aula teria como base o que já foi explicado anteriormente, porém, de forma aprofundada. A aula seria iniciada com um questionamento: “quem aqui é de descendência indígena?”. O questionamento teria a função de dar aos alunos a oportunidade de dialogar e expor um pouco sobre suas experiências, criando assim a relação com o patrimônio e com a memória que seria tratada em seguida. Seria importante ressaltar também, após o questionamento, que mesmo aqueles que não têm conhecimento a respeito de seus antepassados provavelmente têm algum traço indígena em seu sangue, já que, devido a nossa história e às relações estabelecidas entre os europeus e os indígenas, é muito difícil que um brasileiro não tenha uma pequena porcentagem de origem indígena.

¹ Estudante do Curso de Licenciatura em História da Pontifícia Universidade Católica do Paraná.

Criando este laço entre a turma e o conteúdo a ser abordado, inicia-se a aula propriamente dita. Inicialmente, abordava-se a origem do homem na América, e, em seguida, o foco seria dado aos povos mais antigos no Paraná, os pré-ceramistas de tradição Umbu (terras altas), Humaitá (vale dos grandes rios) e Sambaquis (litoral). O ideal seria explicitar a origem de cada grupo, as diferenças entre eles e a provável cultura de cada um destes povos. Posteriormente, a explicação deveria chegar às tribos agrícolas e ceramistas do Paraná, como a tribo Kaingáng, a Xetá e a Guarani. Seria necessário explicar com calma a respeito de cada uma das tribos, com imagens dos índios e das tribos para que os alunos percebam as diferenças e reconheçam quem é este índio e como ele pode se identificar e se reconhecer nessa figura.

Na segunda aula, o foco é a arte, dividida em duas partes: a arte indígena e a arte europeia que trata do índio. Esta aula deverá ter um viés mais artístico, na qual o aluno poderá desenhar, pintar e criar a própria arte. Então, o professor deverá decidir se o intuito é de criar arte que se assemelhe à arte indígena ou criar arte a respeito dos índios, como na arte europeia. Para que os alunos possam realizar essa atividade, é necessário que tenham visto muitas imagens, por isso, deverá ser feita uma pesquisa antes da aula em busca de imagens de vasos, pinturas corporais, peças indígenas, desenhos, trabalhos de tapeçaria, etc., para que eles tenham de exemplo e referência. Na segunda parte, seriam abordados artistas que retrataram a cultura indígena. Existe uma boa quantidade de pintores e artistas nacionais e europeus que podem ser expostos durante a aula, mas, novamente, é fundamental o uso de imagens, para que os alunos possam captar as referências.

A proposta da terceira aula é de ser um momento de descontração, um momento diferente, em que os alunos terão a oportunidade de expressar o que eles absorveram do conteúdo, uma espécie de revisão visual. A intenção é que eles façam desenhos, seja arte indígena ou a respeito dos índios. É necessário, novamente, trazer imagens para que eles possam refrescar a memória. É importante ressaltar também que o que conta não é o resultado final, mas sim o processo de aprendizado.

A quarta aula deverá utilizar todo o conteúdo que foi explanado e mostrar a relevância que ele tem para o cotidiano do aluno. Isso é importante, pois muitos alunos questionam isto na escola e no sistema de ensino. O foco desta aula deve estar no patrimônio e na memória. É quando se explica porque é importante preservar o patrimônio, seja material ou imaterial, em forma de livros, estudo, pesquisa, museus, etc. O aluno deve ser conscientizado da importância desse conteúdo, da função do material que é preservado nos museus. É importante falar de museus para que ele possa dar um novo significado a visita que será feita, não enxergando o passeio apenas como forma de entretenimento. É necessário estudo e uma leitura prévia antes da aplicação desta aula, para que possam ser respondidos os questionamentos dos alunos. Autores recomendados são Pedro Paulo A. Funari, Carlos A. C. Lemos, Cláudia Inês Paralleda, entre outros.

Por último, realiza-se a visita ao Museu, fechando o projeto num momento descontraído, porém, de forma a fixar o conhecimento adquirido nas aulas anteriores. Talvez seja problemático arranjar uma visita a um Museu com este conteúdo, já que não são todas as cidades que têm centros culturais indígenas ou exposições a respeito de cultura indígena em cartaz. Na época em que o projeto foi posto em prática, por uma coincidência, o MON estava exibindo uma exposição sobre o assunto, porém, se não fosse este o caso, seria possível encontrar soluções. Existem museus nas proximidades onde há exposições fixas, como é o caso do Museu de Arqueologia e Etnologia do Paraná, em Paranaguá, que dispõe de acervo fixo sobre as tribos indígenas do litoral. Há também o Museu Arqueológico de Sambaqui, em Joinville, ou o Museu Paranaense e o Museu de Arte Indígena, em Curitiba.

Referências

FUNARI, Pedro Paulo; MOURAD, Tamima Orra. Curadores do Império: patrimônio como pilhagem colonialista. **Revista Heródoto**, Unifesp, Guarulhos, v. 1, n. 1, p. 19-36, 2016.

LEMONS, Carlos A. **O Que É Patrimônio Histórico**. São Paulo: Brasiliense, 1981.

PARELLADA, Cláudia Inês. **Museus e Patrimônio Histórico**. II Encontro Cidades Novas – A Construção de Políticas Patrimoniais: mostra de ações preservacionistas de Londrina, Região Norte do Paraná e Sul do País. Disponível em: <http://web.unifil.br/docs/semana_educacao/1/completos/03.pdf>. Acesso em: 16 fev. 2017.